

Boletim

Estudos & Pesquisas

Número 41 – Maio, 2015

Expectativas do Mercado

O Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos cresceu 0,2% no primeiro trimestre deste ano (dados anualizados), em relação ao trimestre anterior, segundo estimativas do Departamento do Comércio daquele país. O baixo crescimento refletiu a retração dos gastos das famílias, das exportações, dos investimentos fixos não residenciais e dos gastos dos governos estaduais e locais. Já as vendas no varejo voltaram a crescer, em março, interrompendo três meses de queda. Com isso, o Federal Reserve, banco central do país, pode elevar as taxas de juros ainda este ano.

Dentro da zona do euro, França e Itália estão mostrando sinais de maior crescimento, segundo último relatório da OCDE. O cenário também está melhorando na Alemanha, a maior economia da zona do euro. O indicador da OCDE, que tem o objetivo de detectar pontos de virada na economia, subiu para 100,7 para a zona do euro como um todo, ante 100,6 no mês anterior.

Após o crescimento de 7% do PIB chinês, no primeiro trimestre deste ano, o menor dos últimos seis anos, e que tem prejudicado as exportações brasileiras para aquele mercado, o governo daquele país segue envidando esforços para estabelecer um novo modelo de crescimento mais moderado e sustentável. O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê expansão de 6,8% para o PIB chinês este ano.

A produção industrial brasileira registrou queda de 0,8% em março ante o mês anterior, com ajuste sazonal. No confronto com igual mês de 2014, sem ajuste sazonal, a retração foi ainda maior (-3,5%), décima terceira consecutiva nesse tipo de comparação. A inflação (IPCA-15) registrou alta de 1,07% em abril e já acumula elevação de 8,22% nos últimos 12 meses.

A expectativa dos analistas do mercado financeiro, segundo o Boletim Focus, de 15/05/2015, é de que o PIB feche 2015 com retração de 1,2% sobre 2014, recuperando-se só a partir de 2016. A inflação (medida pelo IPCA) já acumula alta de 8,22% nos últimos doze meses até abril deste ano e deverá encerrar 2015 com alta de 8,31%. A taxa de câmbio, por sua vez, deve se situar acima de R\$ 3,19 por dólar neste e nos próximos anos. Na sua última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa básica de juros (Selic) para 13,25% ao ano, devendo ir a 13,50% este ano, segundo os analistas financeiros.

Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-1,2	1,0	2,0	2,5	2,5
IPCA	% a.a. no ano	8,31	5,50	5,00	4,90	4,59
Taxa Selic	% a.a. em dez.	13,50	11,75	11,00	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,20	3,30	3,33	3,37	3,50

Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 15/05/2015

* Dados consolidados. ND = Não disponível

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- Os negócios promissores de 2015;
- Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras nas Micro e Pequenas Empresas 2014.
- Pesquisa GEM 2014 – Empreendedorismo no Brasil

Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando aqui.

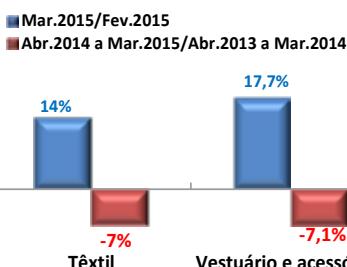
Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em março, o comércio varejista registrou queda de 0,9% no volume de vendas e de 0,4% na receita nominal sobre o mês anterior, feito o ajuste sazonal. Entretanto, no comparativo com igual mês de 2014, houve alta de 0,4% no volume de vendas e de 6,5%, na receita nominal (sem ajuste). Já no primeiro trimestre deste ano, o volume de vendas diminuiu 0,8%, enquanto a receita nominal aumentou 5,5%, destacando-se a receita da atividade “Outros art. de uso pessoal e doméstico” (+12,9%). A previsão para 2015 é de diminuição do ritmo de crescimento das vendas, em face do cenário econômico desfavorável.

Têxtil e Vestuário

Têxtil e Vestuário - Produção industrial



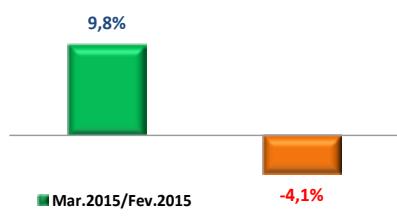
Fonte: IBGE

A produção da indústria têxtil, em março, registrou alta de 14% e a de Vestuário e acessórios, de 17,7%, sobre fevereiro deste ano. Mas, nos últimos 12 meses, a produção têxtil acumula queda de 7% e a de vestuários, de 7,1%. A balança comercial deste último setor, por sua vez, registrou déficit de US\$ 1,15 bilhão nos quatro primeiros meses de 2015. Embora o setor venha registrando alta na produção, as empresas têm convivido com aumentos de custo (energia elétrica, fretes etc.), com a situação podendo se agravar, caso o governo consiga aprovar no Congresso Projeto de Lei que prevê redução da desoneração fiscal sobre a folha de pagamento das empresas. O mesmo deve ocorrer com os setores de calçados e móveis.

Calçados

Em março, a produção brasileira de calçados aumentou 9,8% em relação ao mês anterior, mas acumula queda de 4,1% nos últimos 12 meses. Já a balança comercial do setor acumulou superávit de US\$ 115,7 milhões no primeiro quadrimestre deste ano, com o Rio Grande do Sul liderando as exportações em valor (36,3% do total) e o estado do Ceará, em quantidade de pares (41% do total). Os EUA permaneceram como principal destino das exportações em valor (18% do total) e a França em número de pares (10,8%). O Vietnã continua como principal fornecedor de calçados para o Brasil, respondendo por 54,1% do total importado (em US\$), seguido pela Indonésia (22,9% do total) e China (11,6%).

Produção calçados (var. %)



Fonte: IBGE

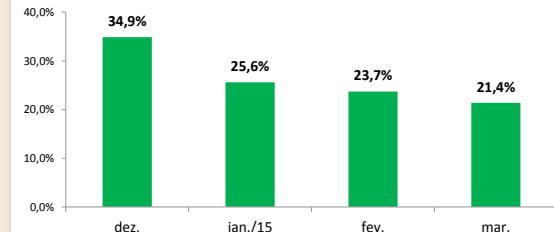
Móveis

Apesar da alta de 17,1% registrada em março, frente ao mês anterior, a produção de móveis ainda não conseguiu reverter a retração de 8% acumulada nos últimos 12 meses. A balança comercial do setor computou déficit de US\$ 81,4 milhões, no acumulado de janeiro a abril deste ano, tendo as exportações caído 6,6% e as importações, 3,5%, frente a igual período do ano passado. Em 2015, a concorrência deve continuar acirrada. Além disso, é provável que ocorra redução das vendas internas, dado o cenário econômico menos favorável: alta das taxas de juros, elevado nível de endividamento da população e aumento dos custos, com a elevação dos preços da energia elétrica, dos combustíveis etc.

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, do MTur, em março de 2015, 21,4% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em igual mês de 2014 esse indicador era de 27,1%). A maior parte deles (70,9%) prefere os destinos turísticos nacionais. Desses, 54,8% utilizarão hotéis e pousadas e 34,7% ficarão em casas de parentes/amigos. A região Nordeste continua sendo a preferida por 41,9% dos turistas brasileiros. O avião é o meio de transporte que deve ser utilizado por 59,5% dos turistas nacionais, que têm o automóvel como segunda preferência (25,8%). Apesar da maior preferência pelo turismo interno, espera-se redução da demanda turística devido ao elevado nível de endividamento da população, altas taxas de juros, redução da renda e aumento do desemprego.

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses



Fonte: MTur e FGV - Sondagem do consumidor - Intenção de viagem

Artigo do mês

Serviços e desenvolvimento¹

Rafael de Farias Costa Moreira²

Assim como dizem que nenhum ser humano é uma ilha, tampouco uma empresa o é. No século XXI, as empresas estão cada vez mais conectadas e interdependentes, com a produção crescentemente descentralizada. Se no começo do século XX uma empresa automobilística como a Ford produzia internamente desde o aço até o carro, nos dias atuais, a *Boeing* produz em suas fábricas menos de um terço do seu último modelo de avião comercial, o *Dreamliner*.

Esse fenômeno de descentralização está intimamente ligado ao aumento de serviços na economia, que têm participado cada vez mais do processo produtivo de outros setores, como insumos. Veja, por exemplo, o caso do iPhone e do iPad: a Apple é responsável pelo planejamento e *design* dos produtos, desenvolvimento de *software* e *marketing*, enquanto a fabricação das peças é quase toda realizada por outras empresas na Ásia. Todas as atividades realizadas pela Apple nos processos citados são inherentemente de serviços, e a empresa americana é responsável por 80% dos lucros do iPhone e 64% dos lucros do iPad.

Esses dados suscitam uma pergunta instigante: o que é mais importante para um smartphone ou tablet – o produto ou os serviços atrelados a ele? Na realidade, a resposta está no meio do caminho: o *smartphone* precisa de *software* e *design* para ter valor, assim como esses serviços precisam de uma plataforma para existir.

Porém, o fenômeno da descentralização da produção e da simbiose de serviços e indústria não está restrito a produtos de ponta ou a países desenvolvidos. Dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE mostram que os serviços já representam 58% do valor adicionado da indústria brasileira. Outros setores como agronegócio, indústria extrativa e os próprios serviços também estão consumindo cada vez mais serviços nos seus processos produtivos.

Em outro trabalho deste autor, é mostrada uma correlação clara e positiva entre consumo de serviços sofisticados e produtividade do trabalho dos setores que os consomem (cf. nota de rodapé 1). Tal panorama implica que tornar os serviços brasileiros – em geral caros e de baixa qualidade – mais eficientes e competitivos, principalmente aqueles que mais agregam valor a outros negócios, como *design*, engenharia de ponta, desenvolvimento de *softwares* etc., teria impacto não apenas neles mesmos, mas na economia como um todo.

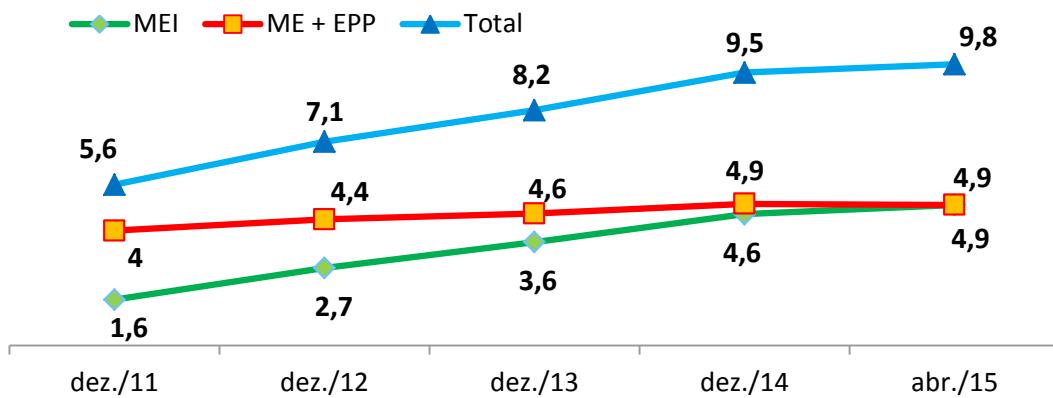
No passado, países se desenvolveram com o industrializando-se. No século XXI, o desafio do desenvolvimento exigirá novas soluções, e é provável que fortalecer a indústria, somente, não baste. Para se desenvolver, o Brasil terá que tornar seus serviços competitivos internacionalmente e trabalhar para que eles agreguem mais valor às cadeias produtivas de outros setores, como a indústria e o agronegócio.

1 Este artigo é um resumo de parte da dissertação de Mestrado do autor, “Descentralização da produção e produtividade no Brasil”, disponível no Portal Saber.

2 Economista, mestre pela UnB e analista da UGE do Sebrae Nacional.

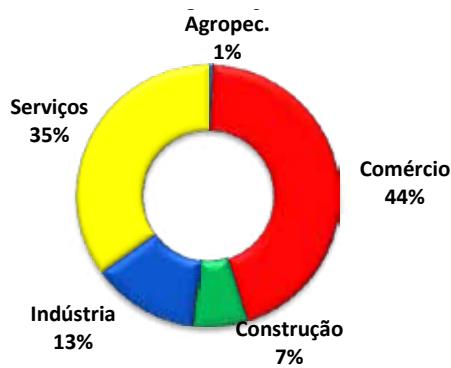
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)

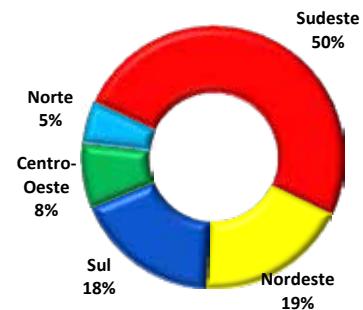


Fonte: Secretaria da Receita Federal - março/2015

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015.

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27%	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2012	39,8	Rais
No total de empregos com carteira	2012	51,7	Rais
No total de empresas privadas	2012	99	Rais
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada.	2012	15,1 milhões	Rais
Renda média mensal dos empregados com carteira	2012	R\$ 1,3 mil	Rais
Massa de salários paga aos trabalhadores	2012	R\$ 20,7 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:

1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.